



## “COMO UMA MULHER, ME SENTI UM NADA” - DESVELANDO OS SENTIMENTOS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS

RENÊ FERREIRA DA SILVA JUNIOR, ERIKA GOMES CALDEIRA, MARIZA ALVES BARBOSA TELES, TADEU NUNES FERREIRA, Cláudia Danyella Alves Leão, LEILA DAS GRAÇAS SIQUEIRA, Henrique Andrade Barbosa

### Introdução

Discorrer sobre mama e sobre a mulher é pensar no feminino, é refletir não apenas na doença, mas também em tudo que se relaciona ao universo feminino, no conflito psíquico desencadeado na vida desse ser e nas alterações que terá, na vida, a partir do diagnóstico. Assim, a cura não deve ter em vista apenas a recuperação do biológico, mas também do bem-estar e na sobrevivência da portadora. O câncer de mama e seu tratamento ainda se relacionam com um ponto de muita importância: a transformação da imagem corporal, vivenciada de forma intensa pela mulher (OLIVEIRA *et al.*, 2010). A mastectomia é encarada como motivo de fortes abalos em comparação às demais opções terapêuticas para o câncer (FURTADO *et al.*, 2009). Juntamente com a mastectomia emergem preocupações em relação ao próprio corpo, sendo que a mesma desconstrói a figura corporal abruptamente (AZEVEDO; LOPES, 2010). Dessa forma, esse trabalho buscou compreender os sentimentos das mulheres mastectomizadas.

### Metodologia

Este estudo é parte integrante do projeto de pesquisa guarda-chuva intitulado (CON)vivendo com o câncer, trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, utilizando-se dos conceitos da Teoria do Interacionismo Simbólico (IS) como suporte técnico conceitual, com a técnica de aplicação de uma entrevista semiestruturada em um hospital filantrópico do Norte de Minas Gerais. O IS possui por premissa que a experiência humana é ocorre por meio do processo de interpretação que acarreta no comportamento humano (HOPIA; PAAVILAINEN; ASTEDT-KURKI, 2004). A pesquisa ocorreu no mês de maio de 2014 no setor de Oncologia da Fundação Hospitalar Dilson Godinho, onde as mulheres pós-mastectomia são internadas e em seguida realizam consulta de acompanhamento. Participaram do estudo 11 mulheres que tiveram uma ou duas mamas retiradas que atendiam aos critérios de inclusão, sendo eles, mulheres com idade compreendida entre 18 e 80 e que realizaram mastectomia parcial ou total. A coleta de dados ocorreu com realização de entrevista individual sem determinação de tempo, permitindo assim que a mulher discorresse livremente sobre o tema. O roteiro semi-estruturado composto de três perguntas norteadoras, a saber: 1) O que você sentiu após a retirada da mama? 2) O que mudou em sua vida após a retirada da mama? 3) O seu relacionamento com as pessoas modificaram? Com quem? As entrevistas foram gravadas, com a permissão das pacientes, a coleta de dados teve seu fim quando se atingiu a saturação teórica. Consoante aos critérios da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, foram seguidos os princípios de solicitação de autorização prévia à administração geral e diretoria clínica do hospital onde o estudo foi realizado; concordância por meio do TCLE, sendo garantindo o anonimato e o direito de desistência em qualquer fase do estudo aos participantes da pesquisa; e submissão do projeto deste estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa da Soebras. Os indivíduos são representados pela letra E (de entrevistados) e a numeração arábica determina um código atribuído pelos pesquisadores.

### Resultados

Com base nos pressupostos do IS foram identificadas categorias e subcategorias que enfatizam o significado dos fatos, as experiências adquiridas e as interações sociais pelas participantes do estudo.

#### **Categoria 1: O significado da Mastectomia**

##### **Subcategoria 1A: “Como mulher me senti um nada”.**

As mamas, além de executarem uma relevante função fisiológica em todas as etapas do desenvolvimento feminino que iniciam na puberdade e se estendem até a idade adulta, também simbolizam culturalmente uma característica da identidade da mulher e sua feminilidade reveladas pelo erotismo, pela sensualidade, pela sexualidade e pela maternidade. Assim, os seios ganham uma perspectiva que simboliza, além da sexualidade, a relevante função da maternidade. Visto que a mama é considerada objeto central de desejo e satisfação. Uma enfermidade neste órgão desconcerta todas as possíveis representações da mulher em relação a sua feminilidade (SILVA *et al.*, 2010). Representando para mulher todo um



# FÓRUM FEPEG

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas  
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



APOIO:



# 24 a 27 setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

[www.fepeg.unimontes.br](http://www.fepeg.unimontes.br)

simbolismo de ser mãe, mulher e esposa, a retirada da mama mostra-se como um evento impactante em sua vida, ela sente-se diminuída, com uma parte de sua feminilidade sendo arrancada:

**E3:** “[...] Como mulher me senti um nada”.

**E4:** “Fiquei muito sentida, chorei muito, fiquei triste mesmo, não me conformei, porque na minha família nunca teve nenhuma história de câncer. Ruim, não é coisa boa não, porque não ficou como era antes, não tive condições de fazer uma plástica, quando me olho no espelho e vejo uma mama diferente da outra, me sinto decepcionada”.

**E8:** “[...] eu senti, porque ficou muito diferente um do outro [...] agora que foi difícil ver um menor que o outro foi mais por vaidade eu não ia fazer uma cirurgia”.

**Subcategoria 1B:** “Antes viver sem, do que morrer com ela”

A mama da mulher configura todo um simbolismo e toda uma definição que a mulher faz de si própria. Ela representa a comprovação da feminilidade, da sexualidade. Sua perda, então, é algo devastador, uma castração. Muitas mulheres aceitam a perda da mama. Mas tal aceitação advém do fato de ser inevitável, como alternativa única para a cura tão esperada, e então, se livrar do mal. Para outras, porém, a frustração após a cirurgia é traumática (ARAÚJO; FERNANDES, 2008). Algumas mulheres encararam a retirada da mama com naturalidade, afirmando que é a melhor alternativa para manterem-se vivas:

**E2:** “Não ligo mais, já acostumei”.

**E5:** “Não me importei, pois queria me ver curada, podia ter retirado até as duas, o importante era minha saúde. Não significou nada não, antes viver sem, do que morrer com ela”.

**E6:** “Como foi para o meu bem eu tive que aceitar [...], fiquei feliz, por ter solucionado um problema, pra mim foi uma vitória ter tirado uma parte que estava me prejudicando”.

As transformações na estrutura das mamas desencadeadas pelo câncer transcendem as repercussões físicas, passando por conflitos que se produzem também no psicológico de mulheres que as vivenciam (ALVES *et al.*, 2011). A mastectomia é encarada como motivo de fortes abalos em comparação às demais opções terapêuticas para o câncer (FURTADO *et al.*, 2009). Juntamente com a mastectomia emergem preocupações em relação ao próprio corpo, sendo que a mesma desconstrói a figura corporal abruptamente.

## **Categoria 2: As experiências adquiridas com a retirada da mama**

### **Subcategoria 2A:** (“Mudou”)

A mastectomia é uma das linhas terapêuticas vivenciadas pelas mulheres com a resultante mutilação das mamas. Tal mutilação possui intensa reflexão na feminilidade, levando a mulher a vivenciar uma série de consequências emocionais, físicas e sociais que se relacionam a imagem do corpo (SILVA *et al.*, 2010). A personificação da mastectomia pela mulher acarreta alterações no seu dia-a-dia, as experiências adquiridas vão desde o sentimento de vergonha, perfazendo as questões de hábitos de vidas a um sentimento de força:

**E4:** “Nossa, não aceitei a situação, pois meu cabelo caiu todo, o quimioterápico me faz passar muito mal, me faz passar muito mal, até mesmo com o meu perfume que eu usava antes, o creme dental, vichi não posso nem vê. Então acaba que meus hábitos mudarão, não faço o que eu fazia mais, pelo menos agora, não sei se vou acostumar mais pra frente”.

**E7:** “Mudou umas coisas, antes eu não dormia, deitava pra dormir e não tinha sono, agora já consigo dormir feito uma pedra, não fiquei com vergonha do meu cabelo, deixo todo mundo que quiser caçoar de mim, minhas filhas pedem pra eu tirar o lenço da cabeça pra elas ver e eu tiro, sem problema nenhum”.

## **Categoria 3: As relações sociais das mulheres mastectomizadas**

### **Subcategoria 3A:** “Carinhoso”

A experiência acarretada pelo câncer e principalmente pela necessidade de transformação da definição da doença requer uma reorganização pessoal da família nas várias vertentes da vida: social, orgânica, psicológica, emocional e espiritual (SALCI; MARCON, 2011).

**E5:** “O meu relacionamento continua do mesmo jeito, meu marido é calmo e tranquilo comigo, só não gosta de me acompanhar nas quimioterapias, devido às reações, mais ele me trata ate melhor, ele é mais carinhoso”.

**E7:** “Meu marido não importou, continuou a mesma coisa, mostro pra ele sem vergonha, me trata igual antes, é carinhoso, bom pra mim, ao invés de ter vergonha é ele que tem (risos)”.

O companheiro, sobretudo, é essencial no auxílio à mulher no processo de aceitação do corpo e de sua imagem, pois desempenhando tal papel ele é responsável pela valorização e reafirmação da feminilidade da mulher enquanto em sua sexualidade.

### **Subcategoria 3B: “Com minha família não mudou nada”**

As identidades sociais da mulher que se depara com câncer de mama sofrem abalos nos aspectos que perfazem a revelação da doença para os outros e também as transformações nas relações de trabalho, com a família, etc. Tais mudanças tanto na previsão e construção das identidades nascem em decorrência das alterações do corpo, figura construída social-culturalmente e que possui sua apresentação constrangida com a perda de um elemento ao mesmo tempo físico e simbólico como a mama, portanto duplamente significado (AURELIANO, 2009). Mesmo afirmando que não ocorreram mudanças, evidência-se através dos depoimentos as modificações no contexto da família:

**E10:** “Eu fico muito sem graça por causa do meu cabelo, assim, com a minha família não mudou não, mais penso que eles têm pena de mim, então eu acho que muda um pouco, eu ainda não me acostumei viver sem a mama”.

**E11:** “Com minha família não mudou nada, tive muita vergonha no inicio, até me isolava, depois fui me acostumando, mais não me conformo porque ainda me sinto mal demais ainda”.

### **Considerações Finais**

A mama para a mulher possui uma simbologia de feminilidade, ser mãe, mulher, esposa, assim sua retirada é encarada como um acontecimento permeado por sentimentos de angústia, medo, desvalorização pessoal, vergonha, quando a mulher retira a mama há repercussões no modo dela ser ver e dessa forma em sua relação com o mundo. Compreender que a mulher não é apenas um ser biológico e que sua feminilidade em muitos casos irá ditar sua relação com as pessoas, com seu próprio corpo e com acontecimentos da vida, é a perspectiva para o entender em sua singularidade e assim proporcionar um cuidado holístico. Nesse processo a família, sobretudo, o companheiro, desempenha papel relevante, na aceitação e enfrentamento da mulher da doença e de seus desfechos. Esse estudo desencadeia possibilidades para outros trabalhos que tenham variadas abordagens visando ao cuidado abrangente da mulher que se vê perante a retirada da mama.

### **Referências**

- ALVES PC *et al.* Identificação do Estresse e Sintomatologia Presente em mulheres mastectomizadas. **Revista Rene**, Fortaleza, 2011 abr/jun; 12(2):351-7.
- ARAÚJO IMA, FERNANDES AFC. O Significado do Diagnóstico do Câncer de Mama para a Mulher. **Escola Anna Nery Revista Enfermagem**, 2008 dez; 12 (4): 664-7.
- AURELIANO WA. “... e Deus criou a mulher”: reconstruindo o corpo feminino na experiência do câncer de mama. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.
- FURTADO SB *et al.* Compreendendo Sentimentos das Enfermeiras acerca do Câncer de Mama. **Revista. Rene**. Fortaleza v. 10, n. 4, p. 45-51, out./dez.2009.
- HOPIA H, PAAVILAINEN E; ASTEDT-KURKI, P. Promoting health for families of children with chronic conditions. **J Adv Nurs**. 2004;48(6):575-83.
- OLIVEIRA SKP *et al.* Sistematização da Assistência de Enfermagem às Mulheres Mastectomizadas. **Cogitare Enfermagem** 2010 Abr/Jun; 15(2):319-26.
- SALCI MA, MARCON, SS. Enfrentamento do Câncer em Família. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2011; 20 (Esp): 178-86.
- SILVA, T. B.C. *et al.* Percepção dos cônjuges de mulheres mastectomizadas com relação à convivência pós-cirurgia. **Revista Escola de Enfermagem USP**, 2010; 44(1): 113-9.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Funorte nº nº. 633.361/2014.



FÓRUM ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO  
**FEPEG**

**UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS**

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas  
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



**Unimontes**  
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:



**FAPEMIG**



**FADENOR**

**24 a 27  
setembro**

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

[www.fepeg.unimontes.br](http://www.fepeg.unimontes.br)